

A VOZ DE MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JULIO HILARIO VAZ

Redacção e Administração, Internas: Residência Paroquial - Melgaço
Prioridade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTONIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
ANO X

Melgaço 1 de Maio de 1956

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N. 113

A nossa tragédia!

E a nossa vida!

«A Voz de Melgaço» por várias ocasiões trouxe às suas colunas este grave problema, o da emigração.

Repitámo-lo uma vez mais e com orgulho: o povo de Melgaço quer trabalhar.

Não somos uma terra de preguiçosos e vadios. Somos gente de trabalho.

Os filhos desta abençoada terra regam com o seu suor todos os continentes. No Canadá, em Timor, na Ásia, na África, em todo o mundo.

Belo sinal de vida, de saúde é este, da nossa gente.

Mas também é a nossa pesada cruz.

Terras muito divididas, falta de trabalho e salários baixos, não podemos viver assim.

E saímos a procurar trabalho.

E vai-se de todas as maneiras.

Essas cadeias e serras de Espanha são testemunhas vivas da nossa cruz!

Há rapazes por esse Melgaço além, que já foram presos duas vezes e supomos que mais.

Estivemos, há semanas, em Lisboa e procuramos S. Ex.ª o Presidente da Junta de Emigração.

Aqui lhe deixamos consignada a nossa estima, pela maneira como nos recebeu. — Não foram precisos protocolos, nem largas demoras. E gostamos.

Junto de S. Ex.ª advogamos a necessidade urgente, inadiável, de se abrirem aos melgaçoenses mais centros de trabalho, bem remunerados, com boa assistência social, em qualquer terra, nomeadamente no Canadá.

Chora-nos a alma, quando sabemos de melgaçoenses presos por essas cadeias de Espanha e França e de sua viagem pelas mãos de engajadores por essas estradas, montes e rios...

Chora-nos a alma, quando advinhamos o que eles dirão por lá da nossa Pátria...

E quantas vezes temos de responder, venidos: — «Com a mãe está-se sempre, ainda que seja pobrezinha».

Nunca me esquecendo as palavras de um coronel de exército francês, ao regressar, «arrastado», dos cárceres comunistas da Indochina, onde fora sugeito a «reclusão»: — Mas eu nunca ouvi a falar de problema social, senão quando me falavam em casa de que o bacalhau subira de preços e o cristão nunca poderá esquecer as palavras de Deus: — Tive

fome e não me deste de comer.

E veio, há dias, um Inspector da Junta de Emigração a Melgaço. Foram ouvidos vários melgaçoenses, que tinham os seus processos de emigração atrasados na Junta.

E também ali pudemos ver o Sr. Vice-Presidente da Câmara, Senhor Professor Pinho, o Senhor P.e Lourenço, digno pároco de Fães, que no ano transacto, visitou todos os seus paroquianos, residentes em França, e essa esplendida figura de diplomata e embaixador de Melgaço, às Autoridades de Portugal e de Espanha, a favor de melgaçoenses presos, o Senhor Abade de Castro Laborreiro.

Atento a tudo, de tudo dando conta pormenorizada, o distinto funcionário da Câmara, Senhor Armando Solheiro, que no nosso Concelho tão criteriosamente dirige os processos de emigração.

Várias vezes temos ouvido: com o Senhor Armadinho — é assim que a nossa gente o trata — não é possível haver reclamações.

Usamos levar ao esclarecido patriotismo de S. Ex.ª o Senhor

Presidente da Junta de Emigração, o pedido que formulamos ao Senhor Inspector, e fazemo-lo, quando o povo português se prepara para festejar o 28 de Maio.

Pedimos — e cremos traduzir os sentimentos de todos os Párocos, Autoridades e Povo da nossa terra — pedimos que se dê uma espécie de amnistia a todos os que para matar a fome dos seus e tornarem mais rica a nossa terra, tiveram de partir ilegalmente, um amplo e generoso perdão.

De maneira que eles aqui ou em França possam legalizar a sua situação e voltar tranquilos à sua Pátria.

A forma brilhante como honram a sua terra, com o seu trabalho, a riqueza de que se enchem este concelho com o seu suor, assum o pedem.

Tem-se feito «semelhantemente» com os crimes políticos, já se fez com os desertores.

Estes, os nossos pais, os nossos irmãos, foram trabalhar. Perdão para todos eles.

E não queremos dizer mais hoje.

Voz da Nossa Terra

Com o n.º 10 do passado mês entrou no 4.º ano de publicação o boletim paroquial de Riba de Mouro, Monção, dirigido pelo nosso querido amigo e distinto colaborador, sr. P.e Manuel António Bernardo.

Trata-se dum jornal bem feito, com larga divulgação tanto no país como entre a colónia de riba-mourense que trabalham no estrangeiro e tem realizado uma excelente propaganda do santuário de S.to António de Val de Poldros, naquela freguesia.

Dirigimos ao querido amigo os nossos melhores parabéns com votos das maiores prosperidades.

Efemérides

Em 1 de Maio de 1940, na igreja Matriz da Vila, se procedeu à bênção solene da nova imagem do Sagrado Coração de Maria, cujo acto foi paraninifado pela sr.ª D. Maria Cristina Pita Barros de Almeida e pelo sr. dr. Augusto César Esteves.

Em 3 de Maio de 1773, faleceu, em Sante, São Paio, o rev Domingos Alves.

Em 5 de Maio de 1901, por denúncia, praças da G. F. da Secção deste concelho fizeram uma busca rigorosa e minuciosa em casa de D. Maria de Sousa Araújo (Besteiros) de Prado. Naquela — desrespeitava-se a casa do cidadão com um abuso e desfaçatês chocante...

Em 8 de Maio de 1760, nasceu, no lugar dos Bouços, da freguesia de Prado, fr. Diogo Luís Lopes, último filho de Rafael Lopes e de sua segunda mulher Maria Gonçalves. Este frade, que não sei em que Ordem nem em que convento professou, era irmão do P.e José Lope, sacerdote que (ai por 1828, deu início aos trabalhos de construção da capela de S.ta Barbara do referido lugar — trabalhos estes que, segundo se infere da lista gravada a cinzel na verga da sua porta, só viriam a ser acabados em 1856, por seu sobrinho o dr. José Manuel Durães, casado que foi com D. Teresa Aniceta de Caldas Baelear Magalhães, respectivamente, admitidos na Confraria das Almas de Prado, em 14 de Novembro de 1806 e 29 de Março de 1829, ele por três

testões e ela por um quartinho, ou seja pela quarta parte da antiga moeda portuguesa de 4.800 reis; logo, portanto, 1.200 reis, hom oirinho... se é que não pagou com três pintos de prata...

Em 9 de Maio de 1781, faleceu, na Vila, o rev. Manuel Gomes

Em 11 de Maio de 1707 — estava-se em plena Guerra da Sucessão de Espanha... os portugueses, devido à peste que grassava entre as suas fileiras, abandonaram o castelo de Laborreiro, bem como toda a raia desde Villardevos a Intrimo e de Marco a S. Gregório, pois «...eram mas los hombres que dizimava la peste, que los que sucumbian ante la mortifera espingarda del enemigo» — segundo nos informa o oriensano D. Benito Alonzo, na sua obra *Guerra Hispano Lusitana*.

Em 12 de Maio de 1826, Tomás Joaquim Codeço, o famigerado Toniás das Quingostas, apresentou-se, na Vila, ao estabelecimento de Francisco José Pereira, do Campo da Feira, comprando-o a que lhe desse da sua loja dinheiro e determinadas mercadorias; ao que aquele comerciante, hom tou mau grado, teve de aceder. Embora sem provas, tenho para mim que entre aquele comerciante e o Tomás das Quingostas devem ter existido as melhores boas relações... e isto é por coisas.

Em 14 de Maio de 1818, Luís Género de Sousa e Gamã, filho do capitão-mór Luís Caetano de Sousa e Gama, da Quinta da Seira, e de sua mulher, D. Maria Antónia de Rivera, foi nomeado alferes da 2.ª Companhia de Caçadores do Rio de Janeiro.

E em 15 de Maio de 1872, na Vila, em sua casa, fronteira à igreja da Misericórdia, morreu Caetano Maria de Abru Mos; guerra, nascido, na mesma casa, em 23 de Outubro de 1809. Este ilustre fidalgo foi bisavô dos sr.ª António de Sousa Lobato, de Remôães; José de Sousa Lobato, de Paderne; Rui e Sidónio Barros de Almeida.

Mário

DA VILA

Abril, 25

COISAS QUE DESAPARECEM...

AS FEIRAS

Por força da costumeira, continuamos a dar o pomposo nome de feiras aos paupérrimos mercados que, semanalmente, aos sábados, se vem realizando nesta Vila. É isto — repetimos — uma força da costumeira... do hábito, pois tão reles como insignificantes "mercadejolas" não merecem tal nome.

Feiras eram as que, quinzenalmente, nos dias 9 e 24 de cada mês, aqui tinham lugar; essas, sim, é que eram feiras, movimentadas e concorridas — mórmente, a do dia 9, sem dúvida, por ser mais antiga, pois, como muito bem convence a letra do foral velho, dado a Melgaço, por D. Afonso Henriques, em 21 de Julho de 1181, já se realizava entre os primeiros jugadeiros, embora, talvez, não fosse neste dia...

Feito este pequeno preâmbulo e espiritualmente remoçados duos trinta e cinco anos, vamos, pois, agora, contar, aos mais novos, o que eram as feiras em Melgaço naqueles tempos — tempos que, embora pouco distantes, vão-se tornando já algo obscurecidos pela nebulosidade dos anos.

Ora, então... no amplo Campo da Feira Nova — hoje Largo Hermenegildo Solheiro — à sombra de frondosos plátanos e austrálias, se realizava a feira do gado que, pela sua enorme concorrência, quase sempre transbordava para o largo fronteiriço à actual "Pensão Braga" — isto, claro, ainda quando o seu fundador, o falecido João Cândido de Carvalho (João Braga), nem sequer sonhava construir ali aquele prédio. Os suínos, no meio dum grunhir e guinchar infernais, à mistura com o praguejar dos porqueiros que os vendiam, transaccionavam-se no Campo da Vinha, ou das Srenadas, ali, onde mais tarde, se havia de levantar o edifício dos Paços do Concelho; no mesmo Largo, a todo o comprimento, mais ou menos, no sítio onde ora assenta o Mercado Municipal, quatro ou cinco louceiras, numa linguagem que não raras vezes tocava as raíais do despejo, insultavam-se contínua e mutuamente, enquanto, num desorganizado estendal — que, aliás, pela sua desorganização, se podia classificar de muito bem organizado... — expunham à venda os mais variados artigos de olaria; e, logo, no lado oposto, numa fila que ia desde a Residência Paroquial até à antiga "Loja Nova do Cantinho" de Feliciano Cândido de Azevedo Barroso, mais çuma dúzia de regateiras, sempre muito peguillentas entre si e numa linguagem — *sui generis*... — linguagem inda mais desbravada do que a das louceiras de frente, como estas, insultavam-se e, com uma naturalidade... com um à-vontade de pasmar, descompunham a todas as feirantes que cometessem a imprudência de r-volver-lhe as sardinhas ou de dar a preferência às da sua competidora do lado em prejuízo das suas. Sobretudo nesta zona, a barafunda de vozes era ensurdecedora, uma agalvada apenas dominada pelos pregões dos aguadeiros que com seus bídios de lata, exteriormente revestidos de cortiça, em handoleira, em voz enérgica e inconfundível, iam trovejando:

— Fresca pela neve!... O' rapaziada! quem mais bebe! quem mais bebe!...

A água era boa, por vir da Fonte da Vila, mas fresca... como caldo. De resto, eles, aguadeiros — ó ironia! — preferiam-lhe o verdasco da Angelina... da Silvana, ou doutras locandas da especialidade. Pudera!...

Entrava-se no desaparecido Largo do Chafariz — então separado da Praça da República pela capela de Santo António e pelo prédio em cujos baixos estava instalado o antigo "Café Melgacense" o qual, além de numerosas tendas de utilidades domésticas, miudezas e outras bugangas, era literalmente atravancado pelos tacheiros, cesteiros, peneiros, tanoeiros e negociantes de crossas, pentes para tear e doutros artefactos de fabrico regional.

Daqui, davam-se mais uns passos, espreitava-se, à direita, pela rua do Rio do Porto, onde mulheres, numa fila que ia até cerca da taberna da Lúcia, feiravam fruta, hortaliça, pão-trigo, pão-centeio, e doçarias de fabrico caseiro, e onde uma rédua de cavaladuras, impaciente, esperava que o falecido Lourenço do Paço lhes puzesse "solaria" nova; passava-se, por fim, à Praça da República, na qual, como se diz-se, mal cabia um alfinete, tal era o número das barracas que nela se erguiam: nada menos de quatro de ourivesaria, duas de ferragens, outras tantas de bacalhã e um rol delas de artigos de renda, passamentaria, retrosaria, etc., etc.. Exteriormente, na sua orla, muito apertadas, acocoravam-se as lavradeiras ex-

(Continua na 3.ª pagina)

Sociedade

Aniversários

Fazem anos: — hoje o sr. Nuno Alves San-Payo; no dia 3 o sr. Lourenço José Ribeiro de Figueiredo e Castro; no dia 4 o sr. Mimoso Lopes de Sousa Cardoso; no dia 6 os sr.s Manuel António Esteves e Manuel José Gomes de Sousa Júnior; no dia 7 os sr.s P.e Firmino Augusto Gonçalves e prof. Manuel Ribeiro da Silva; no dia 8 a sr.a prof.ra D. Maria de Nazaré Guerreiro Ranhada e o jovem Rui Augusto Lourenço; no dia 9 a sr.a D. Lídia Alves San-Payo; no dia 12 o sr. António Esteves; no dia 13 o sr. Armando Alves; no dia 14 a menina Amélia Vieites, o sr. António Bento Domingues e o jovem Manuel José Pereira Rodrigues, e no dia 15 os sr.s Alípio Gonçalves e Eugénio José Tábua.

NASCIMENTO

Na Maternidade do Hospital de Melgaço, nasceu um lindo menino, filho da sr.a D. Ludovina Aurora Esteves Duarte e de seu esposo, sr. António José Machado Duarte. Tanto a mãe como o recém-nado passam bem.

Nossas felicitações.

DR. BRANCO CERQUEIRA

A seu pedido, foi transferido para o concelho de Peniche o sr. Dr. Martinho Branco Cerqueira, que entre nós exerceu o cargo de veterinário municipal desde 17 de Maio de 1946, com notável zelo e proficiência. Para S. Ex.cia vão os nossos melhores cumprimentos com votos ardentes de muitas felicidades.

DE REGRESSO

Já se encontra na sua vivenda dos Espazeres a Ex.ma S.ra D. Maria Leonor Gonçalves da Mota Solheiro. Muito boas-vindas.

Nota — Sem compromisso, noticiamos, nesta secção, aniversários, baptizados, casamentos, partidas e chegadas, bem como quaisquer outras notas de sociedade, sempre que elas nos sejam comunicadas pelos interessados; pois ainda não dispomos de instalações de radar para ver e saber o que se passa nos quatro cantos do concelho.

Os interessados podem e devem dirigir-se ao Mário.

FAZ...

.. no dia 6 quarenta e quatro anos que faleceu, em Prado, Hermenegildo José Solheiro (Pai).

.. também faz no dia 6 dez anos que se finou, em Alvarado, o rev.d. Claudino Joaquim Rodrigues.

.. e no mesmo dia 6 faz um ano que faleceu, na Vila, o sr. Leonel Bermudes.

Que repousem em paz.

Falecimento

Confortada com todos os sacramentos da Santa Igreja, faleceu, em 17 do mês corrente, na sua residência, no lugar de S. Gregório, Cristóval, a veneranda Senhora D. Luisa Teresa de Sousa Viana Esteves, de 78 anos, viúva do sr. António Alberto do Outeiro Esteves, mãe do sr. dr. João de Lourdes do Outeiro Esteves, muito digno provedor da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço, sogra da sr.a prof.a D. Luisa de Sampaio Esteves e avó da menina Maria Filomena de Sampaio Esteves, aluna da Faculdade de Farmácia do Porto.

A família enlutada, apresentamos sentidos pésames.

N. R. — Todo o concelho respeitava e admirava a S.ra D. Luisa Viana, a quem o Senhor revestira de qualidades excepcionais, de fino trato, de bondade singular, e duma caridade cristã, tão pronunciada que lhe chamavam, realmente, mãe dos pobres.

Com que carinho e doçura espiritual servia, aos sábados, aos seus queridos e numerosos pobres a refeição bem confeccionada.

Com que emoção rezava, antes e depois desta cristã refeição, com os seus pobres pelos mortos que Deus lá tem.

De animo forte e profunda resignação cristã, a fé e o espírito do evangelho enchiam-lhe a alma e a vida.

Porque a sua vida se passou entre o amor aos seus, aos pobres e à sua querida S. Filomena, na capela de S. Gregório, não estranhámos o número dos que se associaram no seu funeral a prantearem a sua perda.

A par de tantos, esteve também numeroso clero, em homenagem àquela Senhora, que, em sua casa os recebia, desde sempre, quando passavam.

Tudo mereceu na vida e na morte esta Santa Senhora, e o Senhor, certamente, a há-de ter coroado do prémio que reserva aos justos.

Para os seus imploramos a resignação cristã, e para a S.ra D. Luisa; o lugar do Céu, a que ascendem os eleitos.



Casamente em Lisboa

Realizou-se no passado dia 8 o casamento do sr. António Maria Ferreira de Ribalonga, com a menina Olinda Rodrigues do Crasto—Rouças.

Foram padrinhos pela parte do noivo o sr. Hilário José Augusto Rodrigues, Guarda Fiscal, no Algarve, irmão da noiva, e a sr.a D. Maria da Conceição Cardoso, avó do noivo. Pela parte da noiva o sr. Eduardo Morhem Afonso, director da Empresa «Philip» e

Chaviães, 24

Corrigindo erros — Há nesta freguesia (nas outras não sei), algumas pessoas que deixam muito a desejar pela sua pouca ou nenhuma formação moral, pois não respeitam as propriedades dos outros. Atravessavam-nas em linha recta para seguir determinadas direcções que lhe convém pisando tudo. Os frutos que nelas estão semeados causando assim tanto prejuízo e desgostos aos seus infelizes proprietários e ainda arrependendo para longe toda a sorte de objectos que estão a vedar as referidas propriedades, deixando estas completamente abortas e assim expostas aos animais que atravessam soltos na via publica.

Esta espécie de vandalismo é no geral feito de noite, pois o alvo a atingir é, no geral, a vizinhança Espanha e como é indispensável a competente marcha forçada, não se repara aos prejuízos dos outros.

Era bom que todos os que assim procedem tivessem um pouco de consciência e respeitassem as propriedades alheias, evitando tantos prejuízos nos frutos que tanta falta fazem aos seus infelizes lavradores.

Isto não é mais nem menos do que falta de educação e falta de instrução noutros; por que se todos possuíssem estas duas virtudes em igual grau não praticariam o mal. É bom para nós e para o especial para eles, que para futuramente evitem prejuízos desta natureza, Respeitando as propriedades e seus donos.

O tempo — Tem chovido abundantemente neste mês de Abril; facto que há muitos anos não se dava o qual beneficiou muito a agricultura, contudo, os trabalhos da época vão-se fazendo normalmente. Há, portanto, esperanças de um bom ano agrícola, se Deus quiser. Quanto às laranjeiras que havia nesta região e que em determinada época do ano eram o remédio dos seus donos, grande parte secaram devido ao tempo geladissimo que nos castigou, ficando assim privados desta valiosa ajuda. — C.

Rouças, 31

Exames de Adultos — Vizeram exame da 3.a classe com aprovação, no dia 20 do corrente, cinco adultos que frequentaram o Curso de Educação de Adultos que tem funcionado na Escola Masculina desta freguesia. — C.

Sua Ex.ma esposa D. Maria Morhem Afonso.

Depois das cerimónias religiosas que se realizaram às 13 horas na igreja de S. João de Deus, foi servido um copo de água aos convidados em casa dos pais do noivo, onde estiveram para cima de quarenta pessoas.

Aos noivos desejamos-lhes as maiores venturas e felicidades.

DA VILA

(Continuação da 2.a página)

pondo vários produtos da terra, como: milho, centeio, feijão, batatas, frutas, linho, aves, ovos, etc., etc., e pelo meio—praça abaixo, praça a cima—sempre muito pedantes—passavam os namorados da aldeia que a figura simpática, séria e honesta, do falecido Belchior da Rocha assediava a cada momento, dizendo-lhes:

—Vá, senhores moços, comprem-me uns rebugadinhos...!

Rebugados que eram *made in* sua lavra...

Aquilo é que eram feiras... mal se rompia!...

Certo que então os portugueses iam livremente à Galiza e os galegos do mesmo modo vinham a Portugal, adivinhando-se já o intercâmbio comercial que desta liberdade resultava. Sobre tudo, nos falados dias, as barcas de Mourtaido, Louridal e Porto-vivo, não cessavam de para cá atravessar feirantes, de modo que a cada passo se dava de cara com *ellas, con las hermosas y muy salerosas* Carmens, Pilares, Maruchas, etc., exstasiadas, perante as tendas de ourivesaria, com olhos e palavras capazes de tentarem a um santo, a pedir aos patrícos, seus conversados:

—Ay Manolo... ay Pepito... ay Pancho, de mi alma, regala-me aquellos pendientes!...

E, bem entendido, os Manolos... os Pepitos, ou los Panchos, satisfaziam, solícitos, os desejos de suas Dulcineas (quem lhes poderia resistir...?) comprando-lhes os regulos cubitados e pagando-os com "duros" de prata que os ourives batiam de rijo na tábua do balcão, para lhes ouvir a *jaba...* o timbre, não fosse o diabo ser Judas...

Em conclusão: aquilo, sim, é que eram feiras—feiras fartas, movimentadas e concorridas. Bons tempos!...

Novo veterinário municipal—Tomou, há dias, posse do cargo de médico veterinário municipal deste concelho o Ex.^{mo} Sr. Dr. Raúl Sérgio Soares Machado, a quem apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos de boas-vindas e apeteçamos as maiores felicidades no desempenho do seu honroso munus.

Banha, chouriço e toucinho—Segundo uma nota da Intendência Geral dos Abastecimentos, foram fixados os novos preços da banha, chouriço e toucinho.

Para venda ao público, a granel, por quilograma:

Toucinho, 15\$80; banha fundida, 16\$80; banha em rama (unto) 15\$60; chouriço de carne, 36\$00.

Enlatados por quilograma: Banha, 16\$80; chouriço, 36\$80.

Por despacho do sr. ministro da Economia, de 7 do corrente mês, foram libertados os preços do toucinho entremado e da pá composta.

Uma coisa, porém, não sabemos: e é se estes novos preços, da banha, chouriço e toucinho, serão também para Melgaço. *Chi lo sa...?*

Assim como também não sabemos as tabelas da venda das carnes de vaca, vitela e carneiro, em Melgaço; mas esta nossa ignorância—que, aliás, não é maior nem menor do que a de todo o público em geral—tem sua justificação, pois, que sabemos, o digno delegado da Pecuária (cessante) neste concelho não costumava enviar à imprensa local nota constante das respectivas alterações dos preços. É verdade que não tinha obrigação de o fazer...

Que tal "ela" estava... ah!...—Há dias, quando uma vaca, maior—não sabemos se também vacinada...—de aspecto sadio—pelo menos exteriormente...—e relativamente gorda—gorda ou inchada...—era tanguida para o matadouro municipal, a fim de ser abatida para consumo público, poucos metros antes de chegar ao referido estabelecimento, houve por bem cair e morrer subitamente.

Que tal era a sua saúde... e do que o pobre consumidor se livrou!... Sim, que se ela, vaca, conseguisse transpor as portas do matadouro... naquela ocasião em que aqui não havia veterinário municipal... cozida, guisada, assada, estufada, grelhada, bifada, escalopada, rissolada, etc., etc.—não tenham dúvidas—já que nem um fígado...

Festa da Ascensão—No próximo dia 10 de Maio, há-de realizar-se, nesta Vila, a tradicional festa em honra da Ascensão de Nosso Senhor, outrora a mais importante festa deste concelho. Constará de missa solene e sermão, na igreja Matriz, donde, de tarde, sairá uma imponentíssima procissão para a vetusta capela da Orada, em cujo recinto efectuar-se-á animado arraial abrilhantado pela nossa Banda; e só, porque muito embora a Câmara haja escolhido este dia para feriado municipal—talvez por cálculo que não por devoção...—parece não ter concorrido nem com um centil para a sua realização.

Por Paderne

Chegadas—Depois de ter sido operado num dos hospitais da cidade do Porto, regressou a casa de seus pais o seminarista António de Jesus Fernandes Pereira do lugar dos Moinhos. Que logo se restabeleça, para continuar os seus estudos são os votos ardentes que fazemos.

—Para passarem as férias da Páscoa junto de sua querida família, veio da capital onde é probro armazenaista o nosso amigo sr. António M. el Gonçalves e sua esposa D. Dulcina Gonçalves do lugar da Portela. Que a sua estadia entre nós seja longa, são os votos sinceros que faz o correspondente.

Festa da Páscoa—Por o nosso bondoso Pároco, Rev.do António Domingues Amigo se encontrar doente, deixou o mesmo de fazer a visita pascual, a qual foi feita por o Seminarista sr. António Fernandes, tudo tendo decorrido com muito respeito.

As feiras de Paderne—Foi com bastante satisfação que se recebeu a notícia de que as nossas feiras dos dias 3 e 18 de cada mês iriam de novo para o seu primitivo local «Feira do Gado».

Muito ficamos desapontados quando soubemos que não passava a informação de simples boato.

O local onde as mesmas feiras actualmente se realizavam é anexo ao adro do nosso velho Convento «Monumento Nacional». Por vezes e não poucas a porta do adro são presos animais, estorvando a passagem de quem quizer ir rogar a Deus mercês ou até ir ao Cemitério rezar por os seus entes queridos.

Se de momento tiver de sair o Sagrado Viático, realizar qualquer funeral ou outros actos de culto, estes muito ficarão prejudicados, pois com o calor da garrância nem todos terão a compreensão exacta de seus deveres que redundará sempre em calorosa discussão para os mais ferrosos discursos.

Fica assim uma sugestão de quase toda a população da freguesia e até da maior parte do concelho.

A quem de direito pois, para bem da nossa querida religião.

— C.

O tempo e a agricultura—Desde 11 do corrente que não tem feito outra coisa senão chover, e por vezes um frio glacial, o que bastante tem prejudicado os trabalhos agrícolas e o estado das culturas.

—Aos interessados, lembramos que em Maio podem semear:—abóbora (x), agriões, aipo, alho-pôrro, alface, beterrabas (todas), cenouras, couves diversas (especialmente couve-flor e bróculos), espinafres, ervilhas, feijões, melancias (x), melões(x), mostarda, pepinos (x), rabanetes e salsa.

Nas terras de regadio, continua a plantação de batatas e semeia-se milho e feijão; enxofração e sulfatagem das vinhas e batatais; e, nas hortas, frequência de regas e sachas.

—É preciso vigiar os vinhos, tendo sempre à mão um anti-fermento em condições para os robustecer.

(x) Só nos primeiros dias do mês.

Quem em Maio não merenda
as mortas se encomenda.

Remoães, 17

Vindo de Lisboa esteve nesta freguesia o sr. Armando de Castro, que uns dias depois seguiu para terras de França em viagem de passeio. Boa viagem.

Pesca—Tem-se pescado no rio Minho bastantes lampreias, sáveis e poucos salmões.

Lavoura—Está-se procedendo com grande entusiasmo e vontade aos trabalhos da lavoura, pois o tempo tem ajudado, graças a Deus.

—Com grande prazer a população desta freguesia, recebeu carinhosamente nos dias de Páscoa o Rev.do P.e António Esteves, de Rouças, que veio a esta freguesia, como nos anos anteriores, realizar a visita Pascal.

—Vindo de Lisboa, encontrou-se nesta freguesia o sr. José de Sousa Pinto. — C.

S. Paio, 11

No passado dia 8, realizou-se o enlace matrimonial do sr. Claudião Trancoso da Costa, com a menina Prazeres de Jesus Flores, da Gaia. Sejam felizes.

—Em 8 do corrente, teve lugar a festividade em honra de Nossa Senhora do Amparo que se venera na sua capelinha erecta no vistoso lugar do Barral. Abrihantou-a a laurçada banda dos B. V. de M. e a Cabine Sonora de Valença do Minho. Conistou de Missa solene, sermão e uma luzida procissão que percorreu o itinerário habitual. Aos mordomos parabéns pela maneira como a souberam orientar.

—Em 22, à noite, houve uma sessão de cinema na Carpinteira, fazendo parte da Campanha N. de E. de Adultos, cuja missão era composta pelos srs. dr. Aboim Borges, prof. António Piuho, sr.a D. Júlia Moreira de Sá, montadora familiar, João de Faro, actor dos fantoches, e o projecionista Manuel Antunes. Apesar do tempo estar mau, juntou muito povo que ficou bastante satisfeito.

—Retrou para França, no passado dia 9, o sr. Fausto Augusto, da Carpinteira. — C.

Prado, 25

Ecós da minha última carta—Se não estou mal informado aquelas «Notas do meu Canhenho» da minha última carta, fizeram cocigazinhas... desespradas, a alguem de ali para a Vila. Que se lhe há-de agora fazer...? Por mim, como *nuestros* vecinos de além Rio, apenas se me offerece dizer:

Tengo mucha pena, pero es que llorar no puedo...!

E, de resto, seja pessoa de bem quem patife não quiser ser...

Ora, pois!...

* * *

Mandada resar por sua família, celebrou-se, no pretérito dia 16, na Igreja desta freguesia, uma missa em sufrágio da alma do saudoso sr. Manuel José Silheiro de Oliveira, a qual teve boa concurrencia de fífis.

—Partiam para França os srs. José Augusto Ribeiro e Júlio Joaquim de Barros.

—Chegado do Porto, está entre nós o sr. Luis Barreiros; filho da sr.a Cealzina dos Reis Barreiros.

—Está para o Porto, de visita a sua mãe, a menina Maria Julia Mendes Pinto.

—Para a mesma cidade, onde foi receber tratamento clínico, seguiu o nosso estimado amigo sr. António Gonçalves Pereira (Tonécas).

Também seu irmão, sr. Herculesano Gonçalves Pereira, baixou ao Hospital de Melgaço. A ambos desejamos ver pronta e completamente restabelecidos, tanto mais que são dois dos melhores elementos da nossa Banda e por isso mesmo quasi indispensaveis.

—Com sua gentil esposa e filhinho, esteve nesta freguesia o nosso estimado assinant sr. Luiz do lfo Gonçalves, conceituado comerciante em Lisboa.

—Regressou do Porto a Ex.^{ma} Sr.a D. Maria Amélia Vaz Gomes Pinheiro. — C.

S. Paio, 26

Depois de terem passado uma grande temporada no convívio familiar, regressaram a França os restantes «franceses» que ainda se encontravam por cá.

—Por se terem envolvido em desordem devido a uma tola de água, foram enviados ao tribunal desta comarca Alfredo Quintela e António Domingues.

—As festas da Páscoa decorram num ambiente de grande alegria, notando-se, até, bastante fogueatório.

—Já começaram as lavraduras dos terrenos mais secos.

—Depois de alguns dias de sol primaveril, voltou o mau tempo que está prejudicando não só a Jorção das árvores mas os trabalhos agrícolas. — C.

Não se esqueça de que a festa a SANTA RITA é já no dia 21, segunda-feira de Pentecostes

Por Paderne

Novo Sacrário para o nosso Convento — Foi no passado domingo 22 que se pôs em exposição um riquíssimo Sacrário para ser colocado no altar-mor do nosso velho e inacabável Convento.

Soubemos que esse Sacrário foi adquirido com as sobras da festa de Nossa Senhora do Rosário que se efectuou o ano passado e de que foi mordomo o nosso querido amigo sr. António Puga.

Ficou assim o nosso convento com mais um ornamento, aspiração de todo o povo de Paderne e a dever-se a quem tão bem sabe administrar as esmolas oferecidas.

Parabéns pois ao sr. Puga. **Falecimento** — No passado dia 13 faleceu no lugar de Estivadães a sr.ª Maria de Almeida de 75 anos de idade.

Era esposa dedicada do Sr. Victoriano Pires e mãe das sr.ªs D. Aida, Ester, Glória e Claudina Pires e dos nossos queridos amigos sr.ªs Abel e António de Almeida Pires, nosso estimado assinante e cabo da Guarda Fiscal em Porto Carreiro.

O seu funeral realizado no dia seguinte demonstrou bem o quanto a finada era estimada, pois nele se incorporaram, muitas praças da Guarda Fiscal e povo desta freguesia, Fiães, etc.

Paz a sua alma e à família enlutada principalmente ao nosso distinguido amigo António o nosso cartão de sentidos pesames. — C.

Parada do Monte. 26

Partidas e chegadas — Para França partiu a sr.ª Maria Pires com dois filhinhos que se foram juntar a seu marido que se encontra naquela terra.

— Também partiu para a mesma terra o sr. Francisco Alves do lugar da Aldeia Grande, e mais alguns rapazes desta freguesia. A todos desejamos boa viagem e que sejam muito felizes naquela terra hospitalara.

— Da mesma procedência, chegaram no dia 21, os sr.ªs Manuel Pires e José Pires, da Lagarteira e Manuel Esteves, do Coito do Paço. A todos desejamos que tivessem boa viagem.

O tempo e a agricultura — O tempo para o nosso entender vai muito mau. Se um ou dois dias está de bom, oito dias está a chover o que muito vem tornar o trabalho do lavrador

que está bastante atrasado. Os estrumes ainda estão nas cortias a maior parte deles, e os que se tem tirado, tem-se tirado a maior parte a chover. Já se principia a lavrar as terras sequeiras. Hoje havia muitas lavradas postas mas ficaram todas anuladas devido a que amanheceu um grande dia de inverno.

No dia 24 amanheceram as serras brancas de neve. S6 vai bom para os fenos que promete ser um ano abundante. Ainda se não semearam as batatas tod@s. Estamos quase em Maio e as videiras ainda mal começaram a rebentar, devido ao frio que tem feito. Pode ser um ano abundante, Deus é que sabe. — C.

Penso, 10

No dia 3 nesta freguesia realizou-se a festa em honra de Nossa Senhora da Cabeça, constando de missa solene acompanhada de música de Tangil, da Comarca de Monção. Ao Evangelho subiu ao púlpito o nosso querido Abade que muito agradou, como sempre. A igreja estava completamente repleta. Vendo-se muita gente de diversas freguesias, de Cristóval, S. Gregório, Fiães, Paços, Vila de Melgaço e outras freguesias que não posso enumerar.

No fim da missa saiu uma imponente procissão com dois lindos andores com a imagem de S. Bartolomeu e Senhora da Cabeça. De tarde, no terreiro de S. Bartolomeu, só se viam cabeças e ouvir o altofalante do sr. Reinales, que tem uns modernos discos que era um gosto apreciar.

— A Visita Pascal realizou-se da forma costumada dos anos anteriores. O nosso bom pastor não nos pode visitar pela sua idade avançada. Fez-se representar pelo digno abade da freguesia de S. Martinho de Alvaredo, que está sempre pronto a dar-lhe auxílio de boa vontade, o que a todos nós muito nos agradou.

— Tempo duvidoso mas tendente a melhorar, pois estamos em Abril, embora em Abril águas mil.

— No mês de Maio com se cerejas ao lume e acontecendo assim teremos um ano farto.

— Há por aqui um esmorecimento na vida com muita falta de peixe. Bacalhau há a 14 escudos, prego para os ricos, os pobres sem rendimentos não o podem comprar: ganhos não os há, o salário por aqui é de 12 escudos e nada mais, por dia. Trabalhador do campo não pode resistir só com caldo, não pode trabalhar. — C.

Semana do Ultramar de 1956

(14 a 19 de Maio)

A Sociedade de Geografia de Lisboa, vai dedicar a «Semana do Ultramar» do corrente ano à Província de S. Tomé e Príncipe, o que não quer dizer que durante esta meritória jornada de propaganda do Ultramar Português, outros dos nossos vastos territórios de além-oceano deixem de ser também recordados e tratados os seus problemas espirituais, históricos ou económicos.

A escolha de S. Tomé e Príncipe para tema da próxima «Semana do Ultramar» foi sugerida por um acontecimento de grande repercussão que este ano ali se vai passar: a reunião da Conferência Internacional dos Africanistas Ocidentais, organização científica regional africana na qual participam cientistas da Espanha, França, Portugal e Reino Unido e dos seus territórios da África Ocidental e espera-se também da Bélgica e do Congo Belga; e porque aquela Província, a terceira da série por distância da Metrópole, ainda não foi objecto especial do movimento patriótico e cultural iniciado em 1927 pela

Sociedade de Geografia — em cumprimento de um voto do II Congresso Colonial pela mesma Sociedade organizado em 1924 — quando todas as outras Províncias, desde Cabo Verde a Timor, já o haviam sido.

A ilha de S. Tomé descoberta em 21 de Dezembro de 1471 por João de Santarém e Pero de Escobar, forma com a do Príncipe, descoberta em 17 de Janeiro do ano seguinte, a Província de S. Tomé e Príncipe, situada no Golfo da Guiné, com a superfície aproximada de 970 Km².

Povoada primitivamente com naturais da costa africana e com brancos idos da Metrópole — dos quais, por cruzamento, descendem em grande parte os actuais filhos de S. Tomé — passou mais tarde a receber também nativos do Congo e de Angola. Ocupavam-se uns e outros na cultura da cana sacarina, que para ali foi levada da Ilha da Madeira, e no fabrico de açúcar.

Com a introdução das culturas do café e do cacau, a primeira em 1800 e a segunda em 1822, e sua posterior expansão, surgiu novo período de prosperidade das ilhas de S. Tomé e Príncipe que se mantém até aos nossos dias.

As fazendas ou roças dispõem para os seus serviços, oriundos de Angola, Moçambique e Cabo Verde, de instalações que podem considerar-se modelares, e de ser-

viços clínicos que lhes prestam desvelada assistência.

As principais roças são, em S. Tomé: A'gua-Izé, Angolares, Boa Entrada, Colónia Açoesana, Diogo Vaz, Monte Café, Perseveraça, Pinheira, Planças, Ponta Figo, Figo, Porto Alegre, Praia das Conchas, Rio do Ouro, Santa Catarina, Trás-os-Montes e Uba-Budo, e no Príncipe: Bela Vista, Infante D. Henrique, Nova Cuba, Paclência, Porto Real e Sundry.

Além de cacau e café (variedades arábicas e liberia), produto, a população civilizada de S. Tomé e Príncipe era de 43.391 indivíduos de ambos os sexos numa população total de 60.159.

Os europeus, uns são funcionários do Estado, outros empregam-se nos serviços administrativos das roças, no comércio e industria e outros exercem profissões liberais. Naturais da Província desempenham também cargos na administração pública e no comércio.

No que se refere ao ensino. S. Tomé dispõe de 16 estabelecimentos de instrução primária (uma escola de ensino técnico-profissional e dum colégio-liceu municipal. Daqueles, 9 são oficiais, 6 estão a cargo das Missões e 1 é particular.

No Plano de Fomento Nacional, para 1953-1958, S. Tomé e Príncipe figura com a verba de 200 mil contos, sendo 110 mil destinados a aproveitamento de recursos e povoamento e os restantes 90 mil para comunicações e transportes.

A «Semana do Ultramar» inaugura-se em 14 de Maio na Sociedade de Geografia, com uma sessão solene a que se digna presidir Sua Ex.ª o Sr. Presidente da República, General Craveiro Lopes.

A Sociedade de Geografia espera que, à semelhança dos anos anteriores, as unidades e estabelecimentos militares do Exército e da Marinha, a Legião Portuguesa e a Mocidade, os estabelecimentos de ensino tanto oficiais como particulares; as câmaras municipais; os organismos corporativos e as agremiações culturais e recreativas continuem a dispensar a sua dedicada e prestimosa colaboração a esta meritória campanha; chamando a atenção dos portugueses para os nossos Territórios Ultramarinos, porque, como disse Salazar, «por eles deveriam passar todos aqueles em que é preciso manter aceso o culto da Pátria e o orgulho da Raça».

Além duma brochura sobre S. Tomé e Príncipe, da autoria do Sr. Dr. Francisco Vasques Tenreiro, que vai ser editada, a Sociedade de Geografia poderá fornecer outros elementos de estudo aos que desejem participar na realização deste patriótico movimento de civismo, desde que os solicitem indicando a entidade que oferece a colaboração e o tema que se propõem versar.

Anúncio

Na freguesia de Cristóval, vendem-se as propriedades, que foram do rev. do P.e Manuel José Pereira.

Falar com o Sr. Mário, de Cevide.

As fazendas ou roças dispõem para os seus serviços, oriundos de Angola, Moçambique e Cabo Verde, de instalações que podem considerar-se modelares, e de ser-

AVISO

Recenseamento Eleitoral

HERCULANO ARSENIO GOMES PINHEIRO, Chefe da Secretaria da Câmara Municipal:

Faço saber que, pelo espaço de 10 dias, se acha exposto nos Paços deste Concelho, para efeitos de reclamação, o Recenseamento dos eleitores da Assembleia Nacional e do Presidente da República, referente ao ano de 1956.

Os interessados ou outros que estivessem inscritos no Recenseamento no pretérito ano, podem apresentar as suas reclamações ao Ex.º Presidente da Câmara Municipal, em papel comum, e instruídas com os documentos convenientes até ao dia 15 de Maio.

As reclamações, que devem ser assinadas pelo reclamante ou por um procurador, com a assinatura reconhecida por notário, só podem ter por objecto:

- 1.º — Eliminação do recenseamento dos eleitores indevidamente inscritos;
- 2.º — Inscrição, na altura própria, dos cidadãos que, tendo requerido a sua inscrição ou devendo ser inscritos oficialmente, deixaram de o ser.

Para conhecimento de todos os interessados e em cumprimento do referido decreto, publico o presente aviso, que faço afixar em todos os lugares públicos do Concelho.

Paços do Concelho, 27 de Abril de 1956.

Herculano Arsenio Gomes Pinheiro

a VOZ de MELGAÇO

Quinzenário católico e regionalista

Director e Administrador:
P.e JULIO HILARIO VAZ

Redacção e Administração, interinas: Presidência Paroquial - Melgaço
Propriedade e impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL 20\$00
ANO X

Melgaço 15 de Maio de 1956

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA
N. 119

Nas vésperas do 28 de Maio

Braga, a que o ilustre Chefe do Governo Português, um dia chamou a "cidade santa da Revolução" vai comemorar festivamente, como costuma, essa data.

Não somos jornal de partidos, repetimo-lo mais uma vez, nem da União Nacional. Estamos aqui ao serviço da Nossa Terra, da nossa Pátria e ao serviço de Deus.

Mas havemos de confessar com júbilo, que difficilmente se encontrará na história secular da nossa Pátria, uma época tão alta como esta.

A obra de paz, de sossego, de fomento, de restauração, de diplomacia, é simplesmente extraordinária.

A maneira como se conduzem os destinos daquela nossa provincia da India, sem efusão de sangue; a obra de extraordinária firmeza, e ductibilidade, na última grande guerra, são alguns dos capítulos mais brilhantes desta Situação.

Oxalá que nos anos seguintes a mesma boa estrela continue a guiar o país.

E sobretudo se resolva esta longa crise que atravessamos da lavoura e de salários.

Uma Situação que teve potencialidade para enfrentar e resolver problemas, considerados insolúveis, pode resolver estes.

Assim o esperamos.

REGIONALISMO

E' palavra muito usada hoje. Fala-se de traques, de danças, de música, de pratos ou ementas regionais, de tudo, enfim, que distingue e caracteriza uma provincia, concelho ou região.

Tudo isto é louvável. O regionalismo é uma força que se opõe ao progresso, em tantas das suas manifestações mais exploráveis.

A chamada civilização actual, materialista e superficial, tende para a descaracterização, para a despersionalização. E' rasoira que passa e tudo nivela. Não vemos por ai, tanta coisa a desaparecer, a sumir-se, só porque é antiga e os seus cânones não estão conformes com os actuais?

Progresso, as mais das vezes, quer dizer novidade e nós sabe-

mos quanto mau gosto revela aquilo que, à boca cheia, se apela de moderno.

O regionalismo é, pois, por isso merecedor da nossa simpatia. A ele se deve muito do que ainda vemos por esse Portugal fora e que, sendo velho, não deixa de nos regalar os olhos e o espirito. Sejamos, pois, regionalistas. Sendo, como é, um movimento inspirado pelo amor à terra, tem forçosamente de a servir bem se o caracteriza um carinho ilimitado por tudo o que lhe é próprio, mais uma razão para o praticarmos.

Ninguém gosta de se confundir com o vizinho. Se o meu fato é igual ao daquele senhor, que passa além na rua, já não fico contente. No fundo, é o caracter próprio a manifestar-se, mas é também um protesto contra a falta de variedade, pois nela está o deleite, segundo um velho aforismo romano.

A terra foi dada ao homem, não só para a cultivar, mas também para admirar-lhe as belezas.

Porisso, viajar foi sempre um dos grandes prazeres do homem.

Mas já se pensou no aborrecimento, que sente, ao percorrer de combóio, a pé ou de automóvel uma região onde a paisagem é monótona, igual?

Por tal motivo, as nações procuram conservar aquilo que lhes imprime caracter próprio e pode agradar.

Se viajar é prazer do que, hoje em dia, chamamos «turista» receber e receber bem é não só timbre de povos civilizados, mas também proveito.

O turismo constitui uma fonte de receita, que os governos procuram desenvolver.

Gastam-se somas importantes para captivar os que vem de fora, proporcionado-lhes as maiores comodidades e as melhores distrações. Cada qual exhibe o seu melhor cartaz. Assim está fazendo Portugal e, com óptimos resultados.

Ora, o que fazem os governos, no plano internacional, devem fazê-lo a Provincia e os concelhos, no plano nacional.

O progresso é uma necessidade que não se satisfaz sem dinheiro e o turismo trás dinheiro. Mas ninguém colhe sem semear. O la-

vrador, que recolhe o trigo, contou, primeiro, com o gasto da semente.

Sigamos-lhe o exemplo.

Vem aí a época do verão, o período das excursões, dos turistas. Que tem feito Melgaço para os receber?

Que se saiba, nada.

Eu não vou dizer que o melgacense desconhece estas coisas, que não aprecia o real valor do turismo, porque isso seria talvez desprimoroso. Mas nota-se, sem duvida, uma grande indiferença por tudo isto. Não se vê aquele bairrismo; próprio dos meios pequenos e que estamos habituados a admirar em tantas terras de Portugal.

Vejo-o desinteressado de tudo o que o rodeia, alheio à sua terra e às coisas da sua terra, os olhos postos ao longe, no Brasil, na França, em Africa, ou, na fronteira; todo empenhado em resolver os problemas pessoais e indifferente aos que não lhe dizem directamente respeito.

Consequência da vida ingrata a que a sorte o obriga? Sem duvida. Mas não deixa de ser um mal.

Procure-se, embora, longe da terra o que ela não pode dar, mas não se despreze o pouco que nos oferece.

Ouvimos muitas vezes lamentar o nosso baixo nível de vida; mas pouco fazemos para valorizar o que temos.

Se desprezamos uma possível fonte de receita, como o turismo, não seremos culpados deste mesmo baixo nível?

Sigamos os exemplos dos outros e tantos há.

Não temos grandes coisas a mostrar, mas habítamos uma região, harmoniosamente bela, cheia de cor e de luz, que já inspirou alguns artistas, como o pintor Jaime Moreira. Temos o vale fértil e verdejante, onde nos meses de verão, se pode gozar uma doce paz virgiliana e a serra magestosa, altaneira, onde a neve assenta, no inverno. Nem nos faltam reliquias de arte e de história, como Fiães, a Orada e os castelos da Vila e de Castro;

porque, também aqui, nasceu Portugal. Tudo isto e o mais, que

(Continua na 3.ª página)

Efemérides

Em 17 de Maio de 1775, «por provizam de sua magestade fidelissima» se deu baixa às missas que em cada semana o morgado do Fecho era obrigado a mandar dizer na sua capela de S. João Baptista, e instituidas em 7 de Junho de 1601 pelo capitão-mor Lopo de Castro, o moço, e por sua mulher, D. Francisca de Cavedo, por cujas almas, no fim de cada missa, eram rezados dois rezposos com a oração *Deus Veniae Largitor*.

A dita provisão foi entregue ao administrador do Morgado da Boa Vista, D. Manuel José de Castro Barreto e Melo, casado que foi com D. Antónia Maria de Sousa e Castro, filha — salvo erro — de Fernando Lobato de Castro e de sua mulher, D. Boaventura Teresa de Sousa Sotto Mayor, certamente por à data administrar também o falado morgadio do Fecho.

Em 20 de Maio de 1706, por determinação do governador das armas da provincia de Entre Douro e Minho, D. Sancho de Faro e Sousa, o capitão-mor Pedro de Sousa e Gama, da Quinta da Serra; guarneceu com duas companhias de ordenança o Porto dos Cavaleiros; hoje

Porteiro, lugarejo pertencente à freguesia de Castro Laboreiro, ali nas proximidades de Alcobaca.

No mesmo dia e mês de 1902, quando Augusto Jaime de Almeida, filho de Joaquim José Nunes de Almeida e de D. Maria Teresa da Assunção Mosqueira, sua esposa, armava uma pesqueira no rio Minho, desastradamente, caiu à água, sendo salvo de morrer afogado pelo seu amigo Júlio Cândido Ferreira Pinto da Cunha; do Convento, cujo acto de abnegação foi recompensado pelo Governo de Sua Magestade; que o agraciou com a medalha de «Socorros a Naugrafos».

Em 21 de Maio de 1906, vitimado por lesão cardíaca, faleceu, na Vila, na Casa de S. Julião, José Maria da Ascensão e Sousa, de 58 anos, casado com D. Inácia Beatriz Cerqueira e escreveu que foi da Fazenda deste Concelho. Era natural da Ponta da Barea e filho de Manuel Bento de Ascensão e Sousa e de Antónia Calheiros; sua filha; D. Maria Aurora de Ascensão e Sousa, em 17 de Maio de 1902, casou, na Vila, com Miguel Pe-

drico Pita de Vasconcelos, filho de João Luís Pita de Vasconcelos e de sua mulher, D. Maria Benta de Araújo e Cunha, de cujo consórcio nasceu; entre outros, a sr.ª D. Maria José Pita de Vasconcelos que está casada com o sr. António Adérito da Silva Carmo, filho do saudoso chefe do Estado Marechal António Oscar de Fragoso Carmona e de sua esposa, D. Maria do Carmo Ferreira da Silva Fragoso Carmona; pai das sr.ªs D. Maria Luísa; D. Maria do Carmo e do sr. Miguel Oscar de Vasconcelos Carmona.

Continua na 2.ª página

União Nacional

A fim de que todos os filhados, e em especial os membros das Juntas das Freguesias, da U. N., sejam informados de determinações superiores, rogo o favor da sua comparência no dia 19, sábado, pelas 16 horas officiais, nos Paços do Concelho.

O Presidente Concelho

Sérgio da Silva Saavedra

Maio de 1956.

Da Vila

Maio, 10.

COISAS QUE DESAPARECEM...

VI

OS CLAMORES

Instituídos pelo venerável Arcebispo D. Frei Bartolomeu dos Mártires, parece que no ano de 1570, em consequência da peste que no ano anterior "...se ateou no Reyno, de que foi innumeravel a gente que morreo, e so em Lisboa morrerão 60 mil..." os clamores, tanto do agrado e devoção do nosso povo, tocados pelo advento do liberalismo, viram o seu fim em nossos dias. E, isto porque os fiéis que os acompanhavam, por um lado, parece que iam perdendo o respeito e a compostura, e por outro, na generalidade, uma vez chegados ao arraial da festa... metiam-se na pândega, a pontos de quando para o seu regresso não apparecer alma viva que quizesse envergá uma opa ou pegar numa bandeira; daí a portaria pela qual os extinguiram pura e simplesmente. Porém, a título excepcional, autoriza-se a que os de Melgaço com a título excepcional, autorizou-se que os de Melgaço contirem entre nós as causas que levaram a promulgar a falada portaria. Mas os clamores estavam feridos de morte... e, assim, em 1 de Maio de 1913, os de Melgaço tocaram também o seu fim — triste fim por sinal. Como não o diremos, pois se há verdades que por delicadeza se devem calar... esta é uma delas.

E, pois, tradição que os clamores teriam sido instituídos no ano de 1570, a quando da chamada *peste grande*.

Entre nós, vários eram eles: — os que as freguesias do velho termo de Melgaço — Chaviães, Cristóval, Paços, Prado, Rouças, S. Paio e Vila — contos de Fiães e Paderne, mais a freguesia de Riba de Mouro, o desta na segunda-feira de Espírito Santo e os daquelas na quinta-feira da Ascensão, faziam a Nossa Senhora da Orada; os que as referidas freguesias de Prado e da Vila, também na segunda-feira de Espírito Santo, faziam a Santa Rita, que se venera, ou venerava, na capela de S. Paio de Vila, ou melhor da Eira de Extremadouro, que assim se denominou o local em que a mesma está edificada; e, finalmente, o que os povos de Paderne, no dia seguinte, levavam a S. Miguel de Bertamil, cuja capela se levanta num dos pontos mais eminentes da freguesia de S. Cipriano de Padrenda, na Galiza, arrimada a um enorme penedo, sob o qual tem de passar os romeiros que descejam fazer uma volta completa à mesma.

Com excepção do clamor de Paderne, que, dali, vinha directamente formado para a Orada, nele trazendo incorporada a imagem de Nossa Senhora do Rosário, e do de Fiães, que tinha o privilégio de ser o primeiro a entrar no referido Santuário, por este ser seu priorado, todos os das demais freguesias concentravam no Senhor de Carvalho de Lobo, donde, processionalmente e entoando cânticos em louvor de Nossa Senhora, seguiam para a Orada, a fim de deporem aos pés de Maria Santíssima a oferta dos resíduos do ciro pascal, em acção de graças por Ela ter poupado as suas terras aos estragos daquele terrível flagelo — a peste de 1569. Dizem os nossos pais que eram imponentíssimos, e coisa digna de ver-se, estes clamores. E, não temos dúvidas de que assim não fosse...

Agora, quanto ao clamor que a populosa e progressiva freguesia de Riba de Mouró, costumava fazer a Nossa Senhora da Orada — uma verdadeira festa, com missa solene, sermão, música, etc., etc. — esse, porque apenas há três anos que deixou de vir, está vivo na memória de toda a gente, mas vamos evocá-lo aqui porque ele nos recorda o tempo, o saudoso tempo, da nossa infância.

Segunda-feira do Divino Espírito Santo. Manhãzinha cedo, começava a afluir a Carvalho de Lobo o povo, o bom e erente povo ribamourense, em tal número que até dava a impressão ter deixado a sua freguesia de fogo-morto. Chegados aqui, estendiam-se pelo pinhal da quinta de Galvão, avancavam no chão, à volta de alba toalha de linho caseiro, e tudo, minha gente, tratava de encetar o seu suculento merendeiro. Apesar da hora matinal, não comiam... devoravam.

As 10 horas, pouco mais ou menos, entoadas as ladainhas aos pés do Divino Crucificado, tamborileiros na vanguarda, um ror de pendões e bandeiras, a Cruz paroquial da Vila a fazer pé, a música e grande massa de fiéis no coice, seguia o grandiosíssimo préstito para a Orada, em cuja capela se celebrava missa solene a grande instrumental e sermão após o que, cada qual — cumprido este voto feito pelos seus maiores — como S. Tiago aos Moiros...

(Continua na 3.ª página)

POR SANTA RITA

12 de Maio de 1956

Felizmente, vamos ter muitas coisas novas nas próximas festas de S. Rita. Cá andam atarefados e ligeiros, os homens do Sr. Baptista. E Mestre José, de S. Paio, também cá chegou. Chegou, poisou as ferramentas do trabalho, arregaçou as mangas e já fez muito em pouco tempo.

Mestre José tem sido um grande amigo.

E verdade, é que as obras seguem (muito bem). O pior é que temos de ir aprontando uma coi a ja e i a com 20,000\$00, para entregar e não sabemos bem donde nos venham.

Adiante.

* * *

Um nosso amigo, que vive no Douro, onde é distinto funcionário público, mandou-nos, há dias, 1,500\$00. Que linda oferta para Santa Rita.

A menina Hódia da Conceição, ali de Loviô, veio com seus estremos pais, à terra — ela vive em Paradelá — e pelo caminho, enquanto o nosso amigo sr. António Vaz, guiava o carro, foi-lhe dizendo ao ouvido umas coisas de S. Rita. E isto que é tão bonito: o pai deve-me para despesas, 20\$00.

Pois a nossa Hódia trouxe-os todos, inteirinhos; e deu-os a Santa Rita. O pai deixou mais 50\$00. — De uma vez, dera-nos 500\$00.

A senhora Rosa Fernandes Afonso, de S. Gregório, deu 20\$ e uma devota, 5\$00.

A menina Rosa Fernandes de Sousa, aqui da Aldeia, mandou mais 20\$00 e insistiu em que seria ela a oferecer o sermão em honra de Santa Rita nas próximas festas do ano de 1957; data da inauguração da nova igreja.

Como está cheia de dedicações esta obra!

— Da esposa do sr. António Lourenço, mais 20\$00. E de um filho do sr. Durães, da Carpinheira; nas vésperas da sua viagem, 20\$00. De um generoso anónimo de Galvão, lembram-se, mais 20\$00.

Amigos Deus vos pague.

Outra coisa: — as obras da estrada vão começar já na quarta-feira. Quase se não acredita.

Faz...

... no dia 25 um ano que faleceu, em Crescente, Espanha, o sr. dr. D. Luis Anquiano Rodrigues;

... também faz no dia 26 cinco anos que se finou, na Vila, a sr.ª Silvana Cândida de Carvalho;

... e no dia 29 faz quinze anos que faleceu, no Brasil, o sr. Juventino Aródio Domingues, irmão do rev. P.e Armando.

Que repousem em paz.

Sociedade

Aniversários

Fazem anos: — amanhã o rev.

António Domingues (Alvaredo); no dia 17 os sr.s dr. Edgar Augusto Ribeiro, Manuel dos Santos Morais e Valdemar de Lima e a menina Isabel Augusta de Araújo; no dia 18 a menina Maria do Céu Viçtos e o sr. Joaquim Lopes Moreira; no dia 20 o sr. João Ferreira Cardoso e o jovem Raúl Arménio Gomes de Sousa; no dia 22 a sr.ª D. Sara Maria Gonçalves de Barros; no dia 24 as sr.ªs D. Aida dos Santos Pinto e D. Amélia da Cunha Sotto Mayor (Martins Moreira); no dia 25 as meninas Maria Amélia Solheiro Esteves e Maria Armada Solheiro Pinto e o menino António Rodrigues de Araújo; no dia 27 a sr.ª D. Marieta Adelaide da Mota Solheiro e Mardureira; no dia 28 as meninas Margarida Alves e Rosa Maria de Magalhães Machado Martins Lourenço, e no dia 31 a sr.ª D. Amélia da Cunha Sotto Mayor Martins Rodrigues, o sr. Justina Gonçalves Ribeiro e a menina Maria Fernanda de Sousa Calheiros (um ano).

BAPTISADO

Com os nomes, respectivamente, de Agostinho e Arlindo Augusto; foram baptisados, na Igreja matriz da Vila, dois meninos gémeos, filhos do sr. Agostinho Vilas Júnior e de sua esposa, sr.ª Deolinda da Silva Rodrigues; tendo sido paranifados, o primeiro, pelo sr. António de Jesus Afonso e pela sr.ª D. Deolinda da Silva Rodrigues, e o segundo pelo sr. Arlindo Augusto Vilas e pela sr.ª Jósena da Costa Cerdeira, sua esposa.

«Voz de Melgaço» faz votos pelas felicidades dos neo-cristãos.

Efemérides

(Continuação da 1.ª página)

Em 27 de Maio de 1744, o rev. Manuel da Ribeira, abade da Vila, foi admitido como irmão das Confrarias das Almas de Prado.

Em 30 de Maio de 1749, se lançou a primeira pedra no cunhal do dormitório do convento Franciscano das Carvalhiças, do lado da Vila.

No mesmo dia e mês de 1916, foi inaugurada, entre Melgaço e Monção, uma nova carreira de *auto-ônibus*, da qual era proprietário e gerente João Pires Teixeira.

— Em... podia fiar-lhes mais umas larachas; mas, porque o papel e a tinta custam os olhos da cara, além de que a emoleira está também pela hora da morte... fica o resto para «depois».

Mário

P. S. — Caetano Maria de Abreu Mosqueira, ao contrário do que escrevi em «Efemérides» do último número, não foi visavô de Rui, mas de Geraldo, Sidónio e Luciano Barros de Almeida, pois estes, assim como José e António de Sousa Lobo, da Costa, de Remões, são descendentes legítimos daquele fidalgão — os três primeiros por serem filhos de Augusto Jaime de Almeida e os dois últimos por terem tido por mãe D. Aurélia Cândida Mosqueira.

M.

NECROLOGIA

LUÍS MONTEIRO

Faleceu no hospital da Trindade, da cidade do Porto, o Sr. Luís Monteiro, de Remões, pessoa muito estimada no nosso concelho.

Homem de rija ténpera moral e carácter firme e impoluto, sentimos a sua morte, porque era um melgaçense digno, um cristão piedoso, um baírrista sincero.

Bondoso, indulgente, ouvimo-lo, no leito da morte, proferir palavras sentidas de perdão, e vimo-lo receber, com fé viva, espírito forte, e calma espantosa, os últimos sacramentos — sagrado viático e extrema unção — e recebeu, ainda, com santa veneração o escapulário de Nossa Senhora do Carmo.

Austero consigo e bondoso para com os outros, o sr. Luís Monteiro realizou na nossa terra trabalho sério e exemplar. Serviu, como vice-presidente, a Câmara Municipal, serviu a Comissão Municipal de Assistência, e serviu a Legião Portuguesa.

Porque seguira a carreira da marinha, habituara-se a servir com nobreza e desinteresse absoluto.

Por isso as suas atitudes eram sempre duma rectidão inexcédvel e duma grandeza invulgar.

A família dorida, nossos sentidos pêsames.

Da Vila

(Continuação da 2.ª página)

com unhas e dentes... atacava os restos dos merendeiros sobreviventes da agape de Carvalho de Lobo. Creemos não ser preciso por na carta de que toda aquela boa gente comia bem e... bebia melhor. Que apetite...!

Quanto a nós, com os cinco tostões recebidos da mão do mordomo-tesoureiro, por havermos envergado uma opa (por levar bandeira ou pendão recebiam-se duas c'roas) como um bôldo, corriamos logo à loja do Carranea comprar... bombas de estoirar. Era justo; era mais do que justo, pois também nos assistia o sacrossanto direito de fazer a nossa festa...

— E os tamborileiros, Lopes e Serafina...?

Ah! que já nos esquecia!... Essas duas arquirresacuidíssimas esponjas, recebiam das mãos do mesmo mordomo-tesoureiro a paga pelo infernal batuque executado e... só apareciam em Riba de Mouro depois de perdidamente terem deambulado pelos: Mágico da Assadura, Vila Verde, João Braga, Angelina, Sebastião, Lúcia, Silvana, em suma, por todos os tascos da Vila e arredores, "via-sacra" que, em geral, lhes levava dois dias a percorrer.

Enfim, prezado leitor:— Neste mundo tudo passa; tudo fica, e nada esquece.

Feiras e mercados — As feiras de gado que no corrente mês se hão-de realizar nesta Vila terão lugar nos dias 12 e 26 do mesmo.

No mercado semanal do dia 7, vendeu-se: milho a 9\$00, o meio decalitre; centeio a 10\$00, idem; feijão branco a 14\$00, idem; feijão rajado a 9\$00, idem; feijão frade a 8\$00, idem; batata velha a 2\$00 o quilo; batata nova a 2\$50, idem; cebolas à razão de 7\$00 (11), idem; galos, galinhas e frangos, desde 25, 20 e 12\$50, cada, respectivamente; ovos a 9\$00, a dúzia; e sável a 12\$50 o quilo.

As hortaliças continuam caríssimas.

Na Frieira (Galiza) grave desastre de viação — Pelas 9 horas do pretérito dia 29, quando o "Express" Vigo-Madrid passava pela estação da Frieira, no sentido descendente, numa passagem de nível, sem guarda, existente junto à referida estação, colheu brutalmente uma caminheta pertencente ao português José Alves Lima, mais conhecido pelo Branquinho, e que era conduzida por seu filho Manuel Alves Lima.

Do embate, cujo estrondo se ouviu em S. Gregório, resultou a caminheta ficar totalmente destruída e o seu condutor, bem como o irmão deste, de nome David, com gravíssimos ferimentos, tendo o primeiro perdido ambas as pernas e o segundo uma, pelo que foram transportados para o hospital de Orense, onde o desditoso Manuel veio a falecer.

Na caminheta sinistrada, seguiam mais dois passageiros que ao verem o perigo se atiraram ao chão, sofrendo apenas leves ferimentos; e, do combóio, descarrilou a última carruagem, tendo alguns passageiros da mesma sofrido também leves ferimentos.

Lá com: cá... — De Teerão, na Pérsia, chega-nos a seguinte notícia:

"Os habitantes da cidade iraniana de Chiraz, no Sul do país, descontentes com a pouca intensidade da corrente eléctrica que lhes é distribuída, a preço que consideram excessivo, declararam, há 48 horas, a greve do consumo da electricidade. As próprias lojas iluminam-se com candeeiros de petróleo, e a cidade está mergulhada em semi-escurecido.

Ora aqui está um exemplo, bom e de flagrante oportunidade, para ser seguido pelos melgacenses que em matéria de electricidade devem estar, talvez, cem vezes mais mal servidos do que os habitantes da falada cidade de Chiraz. Mas isto passou-se na Pérsia... no Irão... que aqui, os melgacenses não vão nem irão nisso...

Em Chaviães, mulher afogada num poço — No lugar da Tapada, da vizinha freguesia de Chaviães, no pretérito dia 3, a s.ra Fidelguina de Jesus Fernandes, casada, de 55 anos, caiu a um poço, donde foi retirada com vida, mas apesar de todos os esforços empregados, a infeliz veio a succumbir momentos depois.

Óbitos — Na freguesia de Padrenda, Galiza, onde constituiu família e residia, há cerca de quarenta anos, faleceu, há dias, o sr. Alberto de Araújo (Crujo) natural do lugar das Carvalhiças, desta Vila, filho de José Joaquim de Araújo e de Ana Joaquina Domingues, irmão das s.ras Graçinda e Claudina Rosa de Araújo e cunhado do sr. Constantino José Esteves e da s.ra Emília Bermudes, a

Regionalismo

(Continuação da 1.ª página)

possuimos, devemos dá-lo a conhecer aos outros.

Ninguém acende uma luz para a colocar de trás de um alqueire, mas sim bem alto, a fim de alumiar a todos, no dizer do Evangelho.

Até hoje, a propaganda de Melgaço tem-se feito através das águas do Peso, do bom presunto e dos Cães de Castro Laboreiro. Propaganda deficiente. Embora o nosso presunto seja superior ao de Chaves ou Lamego, puzesse gabar mais estes. Sendo os Cães de Castro óptimos cães de raça, fala-se mais nos da Serra da Estrela. Quanto às águas do Peso, é o que todos sabemos! Se quizermos beber uma garrafa dessas, temos de nos contentar com uma de Vidago (ou Pedras Salgadas, pois não se encontram à venda. Sem publicidade, nada se faz. No dizer de alguém, é tão importante que até a Igreja a utiliza, para chamar os fiéis, servindo-se da voz dos sinos.

Faltam-nos, claro está, muitas coisas. Nós cometemos um erro tremendo, ao desinteressarmos-nos do caminho de ferro. Privamo-nos dum grande e fácil meio de transporte. E quem não avalia o aborrecimento que se sente ao ter de mudar para uma camioneta, em Monção? Ganhou esta Vila o que nós perdemos.

Aos domingos, no verão, há pessoas do Porto e de outras terras que se deslocam até lá, por passeio e para saborear algum petisco. O próprio facto de

contra nós. O forasteiro concluirá, forçosamente, que se o combóio não chega a Melgaço é porque esta vila não tem interesse, tão ligada anda ao combóio a ideia de importância e valor económico.

Sem caminho de ferro cercados ao Norte e Nascente pela Espanha e isolados dos Arcos, ao Sul, pela montanha, ficamos com uma só porta e estreita, a estrada. Isto não nos favorece. Mas há prole e é a falta de comodidades.

Contou-me alguém que, no verão passado, chegou à Vila um grupo excursionista e não teve quem lhe fornecesse comida. Foi necessário pedir a um taberneiro que lhes arranjasse *qualquer coisa*. Será isto fazer boa propaganda? De forma alguma.

Turismo sem boa cozinha, não é possível. Quem viaja por distração não leva apenas os olhos, para ver, mas também estômago.

Todas as terras fazem por receber bem o visitante, porque isso as beneficia. Apresentam-lhe as melhores ementas, servem-lhe os melhores pratos regionais e melhor vinho. Nós não. Para cá-mulo, nem bom vinho temos; salvo uma ou outra excepção. Se cruzarmos os braços à espera de que venham sem os chamar, nada feito. Melgaço continuará sendo um paraíso perdido. Se alguns vem, é por curiosidade e para ver a Espanha mais de perto, ali em

quem, bem como a toda a demais família enlutada, apresentamos sentidos pésames.

— Também, faleceu, em 1 do corrente, em S. Julião, o sr. Abílio Alves Carabel, solteiro, de 59 anos, comerciante, natural de Castro Laboreiro, cujo funeral, que se realizou no dia seguinte, para o cemitério de Cristóval, foi extraordinariamente concorrido, pois o saudoso extinto, sobretudo pelos seus invulgares dotes de probidade, era muito querido, conhecido e respeitado, não só nesta Vila como em todo o concelho e noutras terras do País.

A toda a família enlutada em especial a sua sobrinha, s.ra D. Maria Teresa Alves Carabel, e a seu sobrinho, sr. Germano Henrique Alves Carabel, ausente no Brasil, aqui deixamos consignada a expressão sincera do nosso profundo pesar.

Para onde vamos?... — Sem peixe, com o azeite... perdão, com o óleo a 14\$40, o litro; bacalhau a 16\$50, o quilo; toucinho a 20\$00, idem; sulfato a 10\$70, idem; etc., etc., sempre gostávamos que nos dissessem a forma de levar a bom termo a pesadíssima cruz da nossa negra vida... Por esta vereda... para onde vamos?...

"That is the question..."

Festa da Ascensão — Como noticiamos, realizou-se, hoje, entre nós a festa em honra da Ascensão de Nosso Senhor. Ontem, à noite, em brilhante procissão, foi a imagem de Nossa Senhora da Orada trazida da sua capela para a igreja Matriz, onde, hoje, pelas 11 horas, se celebrou missa solene a grande instrumental e sermão pelo distinto orador sagrado rev. P.e Alfredo Rocha, prior de Barcelos. De tarde, saiu uma imponentíssima procissão para a capela da Orada, donde regressou ao sol-por. O arraial, que esteve muito concorrido e animado, foi abrilhantado pela nossa laureada Banda.

Está, pois, de parabéns a Comissão que levou a cabo mais esta festividade.

O tempo e a agricultura — Graças a Deus que o mês de Maio entrou e tem decorrido com tempo excelente.

— As videiras rebentaram bem e a nasçença de cachos é também satisfatória; mas... daqui até à vindima... Para já, bons estão os centeios.

S. Gregório. Mas vem e vão de fugida. Não deixam dinheiro...

E, pois, necessário criar um pouco mais de conforto e de atractivos. Não somos hosque nem Serra.

— Onde o homem está, mostre-se o homem.

Abra-se uma pensão, modesta embora, mas asseada, onde se sirva boa comida e bom vinho.

Alunde-se o mais possível a Vila. A alameda, em volta do Castelo, e o jardim dos Paços do Concelho estão quase desprezados. O ajardramento do Campo da Feira foi um erro. A Câmara prestará um bom serviço se fizer reconduzir o Mercado ao local antigo.

Se amanhã se realizar em Melgaço um acto público importante; no género do Congresso Eucristico, onde vai concentrar-se a multidão? A' volta das maravilhas? Isso seria belo, numa evocação histórica.

Ninguém devia ter pensado em ajardinar aquele local, assim como ninguém pensa em transformar em jardins o Terreiro do Paço e o Rossio. Fazem falta. Além disso, o Castelo deve receber-nos mais respeito.

Não está bem, nem é bonito converter em campo de feirantes um lugar histórico que pode e deve ser o mais belo recanto de Melgaço.

Porque não criar um grupo folclórico, de Castro, por exemplo, um grupo regional, que recolha e transmita aos que estão para vir a música, as danças e os trajes da nossa terra, que não deixe submergir na onda do progresso aquilo que ainda tem de próprio e de mais característico?

E porque não tentar imprimir o devido relevo e esplendor a uma das festividades do Concelho, talvez a da Senhora da Orada, um nome que me parece sugestivo?

Tudo isto é regionalismo. Se quisermos ver as nossas estradas mais concorridas, a nossa Vila mais visitada, temos de trabalhar para isso. De braços cruzados, não se faz nada.

Podemos ter boas ideias, mas se não as pusermos em prática, de nada serve.

Uma propaganda bem orientada pode tornar-nos mais conhecidos e mais procurados.

Aproveite-se o que temos. Há ver alguém que não se sinta fascinado pela beleza rústica e empolgante de Serra, em Castro Laboreiro?

Que bela estância de repouso para aqueles que se sentem cansados das grandes cidades.

Mostremos a prata da casa. Melgaço precisa de mais vida; de mais movimento.

Confesso que me é desagradável, quando chego no verão e a encontro meio adormecida, como se fora uma aldeia sem importância, sem vida, durante o dia e muito mal iluminada de noite.

A. Domingues

Prado, 10

Diz o Dicionário

Utilidade; c. f. (lat. *utilitas*). Qualidade do que é útil. Serviço que uma pessoa ou coisa presta. Serventia; vantagem; etc., etc.

Que assim é prova-o exuberantemente a enorme procura de tabuleiros, cruzetas, enxofreiras, e outros muitos objectos em madeira — *verdadeiras utilidades* — indispensáveis, tanto no lar como no campo, que o nosso velho amigo e distinto artista sr. Luís Amador de Araújo, sem outra finalidade que não seja a de ser útil ao seu semelhante, em larga escala e com perfeição, segurança e economia incomparáveis, vem executando na oficina do sr. Francisco Pinheiro Reis; no lugar do Rego, desta freguesia, onde os interessados devem ir...

„Ver para crer...“

Em casa de seu genro, o sr. José Caseiro da «Quinta da Serra», faleceu, no pretérito dia 4, a sr.ª Emilia Maria Cardoso, de 73 anos, natural de Ponta da Barca e entre nós residente há alguns anos, que era geralmente estímidia. O seu funeral, que teve lugar pelas 19 horas do dia seguinte, foi largamente concorrido, tendo a encomendação do cadáver sido feita pelo rev. Abade da Vila.

A família enlutada os meus sentidos pesamos.

—Após trabalhos, despesas e sacrificios sem conta, conseguiram chegar a França, onde estão já devidamente empregados e documentados, os nossos amigos sr.ª Rafael da Rocha e Estêvão Hilário Gomes. Só aos próximos tiveram de pagar a taxa de 5.000\$00 cada; e, como a

Penso, 9

Falecimento — No lugar do Coto com a idade de 80 anos, faleceu Perpétua Rodrigues, solteira. Durante a sua vida passou todas as agruras deste mundo. Que descanse junto com Deus.

—Também faleceu no chamado Caramulo Manuel Pereira, solteiro, com a idade de 33 anos. Era natural desta freguesia, sendo o seu nascimento no lugar de Paranhão. Encontrava-se no Caramulo a tratar-se da tuberculose.

—Em 18 do p. p. fez 4 anos que faleceu Rosa Torres. Paz à sua alma.

—Em 15, também do p. p., fez 80 anos de idade a sr.ª Constança Rodrigues, do Pomur. Deus a ampare para bem dos pobres, pois só se encontra satisfeita a dar esmola aos pobres.

Por hoje fico-me por aqui, =C.

„leva“ foi de setel. temos, portanto, que foram trinta e cinco contos que saíram do País; divisa, cuja drenagem se podia muito bem evitar se houvesse possibilidades de acorrer aos necessários como estes. Sim, que os anal fabetos também tem um estômagozinho que não podem alimentar só com bifes de filosofia...

—Esteve nesta freguesia, apenas dois ou três dias, a sr.ª D. Maria Vitória da Silveira Pinheiro, filha muito querida do sr. Aristides José Pinheiro e de sua esposa, sr.ª D. Jesuina da Silveira, de Lisboa.

—Regressou a Evora o sr. José Manuel Lopes Pinheiro, distinto fotógrafo naquela cidade.

—Já se encontra entre nós o sr. António Gonçalves Pereira (Tonecas), que à cidade do Porto fora para tratamento clínico.

—Baixou ao Hospital da Misericórdia a sr.ª Otilia de Guimarães Lima, esposa do nosso particular amigo sr. Francisco Pires Reis; do Carvalhal, a quem desejo pronto e completo restabelecimento. —C.

Rouças, 28

Partiram para França os nossos amigos, José Bento Neves, de Cabreiros e seu primo, Manuel Neves, da Cabana.

Esteve aqui um sr. Engenheiro do Porto, dos serviços de construções de novos edifícios escolares, para estudar *in loco* o levantamento das novas escolas de Rouças. Também aqui estiveram o sr. Vice-Presidente da Câmara e o sr. P.º Manuel Lourenço, digno vereador da Câmara Municipal.

Oxalá não demore a respectiva construção; sabido como é, que nos baixos da velha escola, há uma corte de gado.

—Ontem, na Direcção Escolar de Viana do Castelo, tomou posse de professor efectivo da escola Masculina de Rouças, o nosso querido amigo sr. Professor Romano Lobato, aqui muito estimado. Acompanhou-o o rev. do pároco da freguesia.

—No próximo dia 11, e na vila de Monção faz uma conferência ao digno professorado daquele concelho e de Melgaço o mesmo sr. Professor Romano Lobato. Esta conferência é aguardada com vivo interesse.

—Encontra-se gravemente doente o sr. Alfaiate da Carreira. Desejamos-lhe prontas melhoras.

—Vindo de França, chegou a esta freguesia, o nosso amigo José Fernandes, da Aldeia.

IDEM, 10

No dia 6; faleceu em Loviô com 39 anos de idade, a sr.ª Rita Esteves, aqui muito estimada.

—Fizeram-se as ladainhas na

Alvaredo, 13

Antes de mais nada eu quero pedir desculpa, aos leitores deste jornal e em especial aos das notícias desta freguesia, pela minha (não correspondência ao seu pedido.

Tenham paciência, mas não há que transmitir...

Falando no abastecimento de água a esta freguesia, continuamos à espera que o projecto siga o seu caminho, para que em seguida se proceda à sua exploração. Não nos cansamos de dizer, que é uma necessidade flagrante este melhoramento, pois infelizmente temos factos vertedizos, que provam isso. Pois pedimos a quem de direito, para que isto não seja lançado no campo do esquecimento.

Caso isto suceda, com a aproximação do verão, continuam os habitantes do Mainho a tomar água em lugares que nem para animais são próprios.

Partidas — Com destino às terras de Santa Cruz, embarcou no passado dia 28 o nosso amigo Lourenço José Ribeiro Figueiredo e Castro.

Que a vida lhe sorria cheia das maiores venturas e felicidades são os nossos votos.

—Esteve, entre nós durante alguns dias o sr. Carlos Barbosa Martins, comerciante em Lisboa, acompanhado de sua muito estimada filha. — C.

igreja e como de costume, em Santa Rita e Cavaleiros.

—Também aqui se fez, com a solenidade possível, a festa dos campos. As juventudes cantaram a Santa Missa; muitos fiéis abeiraram-se da sagra-da mesa eucarística e de tarde, a solenidade foi também muito concorrida.

—Já chegou a Corções o material para a construção da nova estrada, Ponte da Carpinteira-Convento de Fiães. Espera-se (que os trabalhos comecem já na próxima segunda-feira. Aos nossos queridos conterrâneos que trabalham por essas terras fora vai ser esta uma notícia muito agradável. Sobre tudo para os que tem automovel.

—Está para breve o casamento do nosso amigo, Manuel Fernandes, de Loviô, com a menina Amabélia da Cruz Domingues, de Lamas de Moura.

—Foi preso em Pamplona, Espanha o sr. Ermindo da Costa, da Carreira. Desejamos que logo regresso a sua casa.

—Vai entrar brevemente ao Serviço da E. G. F., no Porto, o nosso amigo, José Tábuas de Bilhães.

—Do Porto, veio transferido para o posto da Senhora da Peneda o nosso conterrâneo, Maximiano Alves, digno guarda-fiscal, de Crasto. —C.

GAZETILHA

ROSA DESFOLHADA

Os dias passam céleres, ligeiros.
Todos passam na vida, outros vem,
Uns são alegres, outros altaneiros,
Mas todos, todos passam com desdém.

Ninguém se lembra de parar o tempo,
Quebrar ponteiros e rasgar tabelas,
Viver fora de si um só momento,
Viver eternamente as horas belas.

E todos contemos a loucura
De aumentar mais um ano à nossa vida,
Com festas, muitos risos, alegria,

Mas todos se arrependem no final,
Porque os anos só trazem dor e mal
Que ofuscam o brilho da ventura.

Ansilo

Por Paderne

Viagem do Sacário para o nosso velho Convento — O nosso velho amigo sr. António Puga não querendo só para si a parte que coube no oferecimento do riquíssimo Sacário de que falamos no nosso querido jornal «A Voz de Melgaço» de 1 do corrente, veio junto de nós para esclarecer-mos o seguinte: — O Sacário foi oferecido com o sobranço da festividade de Nossa Senhora do Rosário, realizada no ano de 1955, por conseguinte eram mordomos da referida festa os habitantes dos lugares de Crastos, Ferreiros, Barral, Nogueira e Sante, os quais todos ajudaram na medida do possível e assim o sr. António Puga agradece muito o seu auxilio e colaboração; e ao bom povo de Paderne quer ausente quer presente, que também soube compreender o sacrificio de quem sempre quis desempenhar o bem de missões como estas de mordomo de festa cujo orçamento vai além de trinta contos.

Fica pois a rectificação feita e mais uma vez para o nosso distinguido amigo os agradecimentos em nome do bom povo de Paderne.

Doente — Há alguns dias que se encontra retido no leito por motivo de doença o sr. Professor e ilustre Vice-Presidente da nossa Câmara Municipal Manuel Luís de Pinho Gonçalves, de lugar da Portela.

Que logo se restabeleça são os votos sinceros que fazemos.

O nosso velho e inacabável Convento — Monumento Nacional — É sempre com desgosto que se diz nas colunas deste jornal que o Convento de Paderne continua com o aspecto desagradável em que há anos o passaram.

Sim, a parede do lado Sul que desde a Sacristia ao altar de Santo António continua com umas tábuas que alguém se lembrou de pôr para os animais irracionais não poderem com tanta felicidade lá entrarem.

E Paderne, continua assim a yr a Casa de Deus sem a poder arrumar convenientemente.

E se a nossa Junta do Turismo

Parada do Monte, 11

Do Porto onde tinha ido susceitar-se a uma operação, regressou o sr. José Pires.

—Também regressou no mesmo dia dos Hospitais de Coimbra o sr. José Esteves, da Hospital de Viana, o sr. Justino Esteves Leandro.

A todos que em convalescência desejamos rápidas melhoras.

Desastre — Quando no dia 1.º de Maio a menina Maria Esteves, filha de Sérgio Augusto da Costa e de Máximo de Jesus Esteves, do lugar de Cortegada, estava brincando caiu-lhe uma pedra em cima duma mão esfacelando-lhe um dedo que teve de lhe ser amputado, no Hospital de Melgaço.

Nascimento — Deu à luz uma criança do sexo masculino a sr.ª Maria Esteves, esposa do sr. Abilio Domingues, do lugar do Paço. Mãe e filho encontram-se bem.

O tempo e a agricultura — Após algum tempo de invernada e frio, o primeiro de Maio mimoseou-nos com um dia de sol radiante, e daí em diante tem feito um tempo magnífico quente e de sol, que por vezes é sufocante. As lavouras estão quase concluídas.

O vinho nasce muito, se o tempo lhe correr bem; na purga; teremos um ano abundante. Mas como ainda tem muitas noites a dormir fora; não se sabe o que Deus tem para nos dar. Há pouco tempo fomos numa local em o «Comércio do Porto», que o sulfato seria vendido ao preço do ano passado, mas segundo nos consta, teremos que o pagar a dez escudos se quisermos sulfatar as videiras, o que se torna bastante pesado para o pequeno lavrador principalmente. —C.

metas; também o seu pedido não seriamos atendidos.

A todos, a quem de direito e que por Paderne possam fazer alguma coisa, fica a nossa sugestão. — G.